


UM NARCISISMO COLONIAL: implicações históricas nas tecnologias de vigilância

A COLONIAL NARCISISM: historical implications in surveillance technologies

Sheila Khan¹ 

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade refletir criticamente a interferência dos legados de colonialidade nas tecnologias de vigilância no espaço pós-colonial europeu, ensaiando uma desocultação de uma persistente sobreposição entre estas duas lógicas. A partir da análise de entrevistas a profissionais da investigação criminal e policial, da genética forense, dos Direitos Humanos e criminologia nos Países Baixos, pretende-se argumentar como as tecnologias de vigilância estão complexamente implicadas e comprometidas com os contextos histórico, político, social e cultural.

Palavras-chave: Colonialidade. História. Memória. Tecnologia. Vigilância Racial.

ABSTRACT

The purpose of this article is to critically reflect the interference of the legacy of coloniality in surveillance technologies in the European postcolonial space, rehearsing the unveiling of a persistent overlap between these two logics. Based on the analysis of interviews with professionals in criminal and police investigation, forensic genetics, human rights and criminology in the Netherlands, it is intended to argue how surveillance technologies are complexly involved and committed to the historical, political, social and cultural.

Keywords: Coloniality. History. Memory. Technology. Racial Surveillance.

¹ Universidade do Minho Instituto da Ciências Sociais

Este trabalho recebeu financiamento do Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do programa de investigação e inovação Horizonte 2020 da União Europeia (Subvenção de consolidação, acordo (n.º 6448608), no âmbito do projeto 'EXCHANGE' - Forensic and the Transnational Exchange of DNA data in the EU: Engaging Science with Social Control, Citizenship and Democracy', coordenado por Helena Machado.

Autor Correspondente: Sheila Khan
E-mail: sheilakhan31@gmail.com

Recebido em 24 de Março de 2021 | Aceito em 07 de Julho de 2021.

1 Introdução

Trabalhos recentes na área das ciências sociais têm manifestado a urgência de um maior investimento científico no estudo dos legados da colonialidade no espaço da contemporaneidade pós-colonial europeia (Knudsen, Oldfield, Buettner & Zabyuan, 2021; Khan, Can & Machado, 2021; Khan, Sousa & Ribeiro, 2020), revelando a hegemonia dos espectros da matriz da modernidade colonial e como a sua influência, embora silenciosa, revela a sua presença nas tomadas de decisão de natureza política, social, cultural e tecnológica de muitas nações contemporâneas¹. Não me limito, apenas, a tecer esta assunção. É importante compreender de que forma a presença ‘fantasmagórica’ deste passado não se desvinculou das sociedades, hoje, pós-coloniais, cosmopolitas e multiculturais. E, muito menos, das suas rotinas de saber, de autoridade e da visão de outros mundos humanos.

De molde a concretizar as preocupações de trabalho sobre a interferência dos legados da colonialidade nas tecnologias de vigilância no espaço pós-colonial dos Países Baixos, este texto divide-se em momentos que vão apresentando ângulos de reflexão interligados até chegarmos ao carço da manifestação ativa do passado colonial. Um primeiro momento analítico, apresenta-se como incursão sobre o debate teórico entre o projeto da modernidade e a lógica da vigilância e da autoridade colonial; um segundo momento, sustentado pela matriz de natureza interdisciplinar debruça-se sobre a cumplicidade entre o legado do narcisismo colonial nos regimes de vigilância pós-colonial. Em termos de itinerário metodológico, acolhe este texto entrevistas realizadas a profissionais holandeses em áreas tão diversas como o da criminalidade, da genética forense e associações civis de proteção de direitos humanos, na in-

tenção de compreender nestes os elos entre história, memória e legados de colonialidade na construção e refinamento de técnicas de vigilância humana. Um último momento, acolhe uma reflexão final que procura não apenas responder ao roteiro analítico deste estudo. Essencialmente, detalhar a presença da herança da modernidade nas atuais lógicas de controle e de vigilância.

2 A hegemonia dos legados coloniais e o lugar do narcisismo

Este exercício de compreensão exige uma reflexão profunda sobre como o projeto da modernidade ocidental e de narcisismo colonial sobrevive à passagem dos tempos históricos (El-Enany, 2020; Trafford, 2021; Koegler, Malreddy & Tronicke, 2020; Drichel, 2018), não obstante todas as provas de emancipação política, social e cultural dos territórios outrora dominados e colonizados (Lowe, 2015). Ao mobilizar a questão do narcisismo, pretendo assinalar uma espécie de bipolaridade entre um traço patológico que oscila entre a superioridade racial e cultural e o sentimento de perda, raiva e ressabiamento. Num estudo sobre o equilíbrio periclitante entre grandiosidade e perda, *The Narcissism of Empire*, Diane Simmons sublinhou precisamente essa zona potencial de análise crítica:

O retrato moderno do narcisismo [como] um sentido grandioso de superioridade alternando com sentimentos de perda, raiva e vingança - nos dá um modelo para pensar sobre as relações imperiais. Os povos subjugados poderiam ser de imensa utilidade psíquica para seus conquistadores, pois poderiam ser compelidos de várias maneiras a refletir a auto-imagem grandiosa do imperialista (Simmons, 2007, p.1).

De facto, a perda dos antigos territórios colonizados não significou *tout court* a rasura de uma visão do mundo em linhas abissais, termo afincadamente defendido por Boaventura de Sousa Santos (2007). Pelo contrário, o retorno do colonial, com a queda dos poderes coloniais e imperiais, manteve a permanência de uma postura fraturante, protetora e hegemónica sustentada por outros argumentos e mecanismos na lógica racial - e racializada - do ‘Ou-

1 Veja-se como exemplo o trabalho de Amade M’acharek, Katharina Schramm e David Skinner, *Technologies of Belonging: The Absent Presence of Race in Europe*, no que concerne a interferência de uma visão eurocêntrica e colonial na relação com questões como raça e racismo. Nesse sentido, os autores não hesitam em dar ênfase à seguinte constatação: “[a] atenção aos detalhes históricos aponta para um grande ponto cego em muitos debates sobre a Europa, nomeadamente a hegemonia das perspectivas da Europa Ocidental, que frequentemente produzem uma narrativa simplificada sobre o passado-presente-futuro do pensamento racial na Europa” (M’acharek, Schramm & Skinner, 2014, p.464)

tro', agora um 'Outro' pós-colonial². Significa dizer, por outras palavras, que o déficit de poder colonial nos territórios colonizados regressa às suas antigas metrópoles com outras roupagens e linguagens que ocultam, protegem e reanimam antigas lógicas de colonialidade e de controle quer social, quer racial. Nesse sentido, é de grande importância não descuidar e desmerecer as cumplicidades entre, por um lado, as relações sociedade e tecnologia, e, por outro lado, tecnologia e visões de poder e de autoridade associadas ao recurso de ferramentas de natureza tecnológica como forma de perpetuar antigas lógicas de observação, codificação, identificação e de representação. Sheila Jasanoff, que muito tem contribuído para esta dimensão interseccional entre sociedade e tecnologia (Jasanoff; Kim, 2015), observa que:

(...) a coprodução é uma abreviatura para a proposição de que as maneiras como conhecemos e representamos o mundo (tanto a natureza quanto a sociedade) são inseparáveis das maneiras como escolhemos viver nele. O conhecimento e suas incorporações materiais são ao mesmo tempo produtos do trabalho social e constitutivos de formas de vida social; a sociedade não pode funcionar sem conhecimento da mesma forma que o conhecimento não pode existir sem suportes sociais apropriados. O conhecimento científico, em particular, não é um espelho transcendente da realidade. Ele incorpora e está incorporado em práticas sociais, identidades, normas, convenções, discursos, instrumentos e instituições - em suma, em todos os blocos de construção do que chamamos de social. O mesmo pode ser dito com ainda mais força da tecnologia (Jasanoff, 2004, p.2-3).

A caminho desta reflexão, vários estudiosos dedicados ao estudo entre sociedade e tecnologia demonstram com minúcia histórica a cumplicidade entre a formação e manutenção das hegemonias dos estados modernos, chamando a nossa atenção para

o desenvolvimento e incremento de recursos cujo objetivo é delineado de acordo com uma visão quer protecionista da sua autoridade e coesão territorial, quer redutora das liberdades civis, nomeadamente no que diz respeito à vigilância racial e controlo resultantes da expansão da mobilidade derivada da queda dos impérios coloniais. A premissa de manter uma sólida hegemonia ativa e reforçada tem resultado numa profusão de mecanismos tecnológicos que ajudam a confinar o 'Outro' colonial no corpo da antiga cartografia abissal. A força tecnológica não é mais do que "a resposta abissal nas sociedades metropolitanas" (Santos, 2007, p.12) à presença disruptiva e indesejada que o regresso do ex-colonial transporta para as antigas metrópoles coloniais. Warwick Anderson escreve um texto esclarecedor sobre os desafios atuais entre tecnologia e sociedade no espaço europeu pós-colonial, ao defender o argumento de que o recurso às tecnologias de vigilância e de controlo social revela uma acentuada tendência para confinar o 'Outro' dentro de antigas lógicas de subalternidade, de dominação e de ostracização. No desenvolvimento desta sua tese, observa que uma análise pós-colonial das disposições tecnológicas mostra claramente a durabilidade de remotos mecanismos ideológicos coloniais com o objetivo de reforçar o imaginário de soberania, de autoridade e de segurança nas ex-metrópoles colonizadoras. Neste contexto, observa o autor que esforços científicos e tecnológicos continuam a operar com base em binarismos como moderno/tradicional, desenvolvido/subdesenvolvido, contribuindo para uma maior compreensão de como as "ideias sobre a diferença - racial (branco/outro ou evoluído/ primitivo), temporal (moderno/tradicional), classe (elite/ subalterno) - são representadas e perturbadas no desempenho da tecnociência" (Anderson, 2002, p.644).

Esta constatação é sustentada em trabalhos de cariz histórico, nomeadamente no que diz respeito à necessidade que as sociedades pós-coloniais revelam em manter ativa e reforçada a crença na sua hegemonia territorial, social, política e, indiscutivelmente, cultural. Como observado por Philip Corrigan e Derek Sayer (citados por Cohn & Dirks, 1988, p.228) a hegemonia não se perpetua per se, ela é sustentada, reconstruída e operacionalizada por instituições e agentes com o ensejo na preservação da sua identi-

2 Pensamento que Boaventura de Sousa Santos desenvolve ao salientar: "A humanidade moderna não se concebe sem uma sub-humanidade moderna. A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal. A minha tese é que esta realidade é tão verdadeira hoje como era no período colonial. O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano, de tal forma que princípios de humanidade não são postos em causa por práticas desumanas. Hoje, como então, a criação e ao mesmo tempo a negação do outro lado da linha fazem parte integrante de princípios e práticas hegemónicas (Santos, 2007, p.10).

dade nacional e imaginário cultural muito ancorados à sua experiência de poder colonizador. Esta necessidade de re-territorialização das expressões coloniais é trabalhada por vários estudiosos dos estudos pós-coloniais (Koegler et al., 2020; Gandhi, 2006; Gilroy, 2004; Spivak, 1993), literários e da psiquiatria (Simmons, 2007; Drichel, 2018; Sardar, 2008; Shaw, 2014; Kohut, 2007; Frosh, 2016, 2013), que mapeiam, precisamente, a permanência de um narcisismo colonial no espaço e tempo da pós-colonialidade europeia. Este narcisismo é explicado pela dificuldade em aceitar a perda do estatuto de colonizador perante a queda dos poderes imperiais. Contudo, o trauma por resolver da perda comporta consigo a inconformidade cultural, temporal e histórica, a raiva, o resabiamento e um sentimento de repulsa do ‘Outro’ que resultam na fossilização e preservação obsessiva de um imaginário, o qual reforça, a partir de vários repertórios, roupagens, linguagens e gramáticas, o estatuto eterno de um Próspero contra o seu Caliban (Santos, 2002). Ziauddin Sardar resume de uma forma arguta a perpetuação desta propensão narcísica ao escrever: “Os antigos impérios europeus foram substituídos por um novo império, uma superpotência que quer governar e moldar o mundo à sua imagem” (Sardar, 2008, p.xix).

3 Contexto, metodologia e estudo de caso

Vejamos, a partir de um estudo de caso, este imbricamento pós-colonial nas tecnologias de vigilância. A análise foi elaborada no âmbito do projeto EXCHANGE³ que tem por objetivo aprofundar os impactos social, cultural, ético, regulatório e político do recurso às tecnologias de DNA na União Europeia, muito especificamente, no âmbito do sistema de PRÜM⁴. Este

3 EXCHANGE: Forensic Geneticists and the Transnational Exchange of DNA Data in the EU: Engaging Science with Social Control, Citizenship and Democracy. O Projecto EXCHANGE, financiado pelo European Research Council (Grant agreement, no.648608), explora os impactos sociais, culturais, éticos, regulatórios e políticos da implementação das decisões de Prüm na União Europeia. Dentro do projeto, será realizada uma comparação aprofundada dos casos da Alemanha, Holanda, Polónia, Portugal e Reino Unido: <http://exchange.ics.uminho.pt/about/#overview>.

4 O sistema Prüm é um sistema transnacional que liga as bases de dados nacionais dos Estados-Membros da União Europeia (UE) e funciona com base na pesquisa e comparação recíproca automatizada de informações de perfis de ADN, impressões digitais e dados de registo de veículos. Os objectivos do sistema Prüm visam o reforço da cooperação transfronteiriça,

projeto obedece na sua relação com o tema original a um agrupamento de critérios metodológicos e éticos que serão, aqui, definidos. No que diz respeito à orientação metodológica, o projeto usa uma abordagem multi-metodológica, que inclui, por um lado, a compilação da legislação e documentação relacionada com o sistema de PRÜM; e, por outro lado, o repositório para análise e trabalho reflexivo de entrevistas realizadas em 11 países comprometidos com a partilha de dados no âmbito de PRÜM (ou em preparação, como é o caso da Itália) a vários profissionais, entidades e instituições da sociedade civil (NGOs, Direitos Humanos), que lidam diretamente com questões relacionadas com a partilha de dados forenses (DNA; impressões digitais; e registos de matrículas de condução (VRD), ao nível da investigação sobre crimes transnacionais, terrorismo e migração ilegal.

A escolha dos Países Baixos para o estudo de caso resulta de três propriedades principais: a) nação outrora colonial; b) país de imigração pós-colonial e sociedade cosmopolita; c) nação europeia com imaginário imperial e colonial. O estudo apresenta alguns dos dados compilados a partir de entrevistas realizadas entre Maio e Setembro de 2018 nos Países Baixos a geneticistas forenses, inspetores de investigação criminal, especialistas dos Direitos Humanos e académicos da área da criminologia. As entrevistas foram realizadas respeitando os procedimentos éticos definidos pelo European Research Council. Os entrevistados foram todos contactados por email com convite formal, no qual eram definidos os objetivos da entrevista, os métodos de realização da entrevista (transcrição, língua de trabalho e a proteção dos dados reunidos), e, finalmente, anexados dois documentos - um sobre as normas éticas da entrevista, ‘Formulário de Consentimento’, e outro sobre informação detalhada do projeto EXCHANGE, ‘Folha de Informação’.

4 Análise: Aporias pós-coloniais no uso da tecnologia de vigilância

riça, nomeadamente no combate ao terrorismo e à criminalidade transfronteiriça. Neste artigo, uso o termo «sistema de Prüm» para referir-me à rede real da UE. Para um estudo mais detalhado sobre o sistema de Prüm ver: Amelung, Granja & Machado, 2020; Machado, Granja & Amelung, 2020; Machado & Granja, 2019; Toom, Granja & Ludwig, 2019).

Uma característica fortíssima e um denominador comum unem a narrativa da modernidade ocidental com a presença colonial e imperial europeia: violência, dominação, inferiorização e menosprezo pela dignidade humana (Khan, 2021). Os Países Baixos como ex-potência colonizadora não escapam a esta moldura da história colonial e imperialista europeia (Goss, 2009; Frijhoff, 2010; Oostindie, 2011). A sua expansão colonial foi sendo intensificada a partir da criação, nos territórios ultramarinos, de postos de comércio administrados pelas denominadas Companhia das Índias Ocidentais e Companhia das Índias Orientais. Do processo de descolonização ressaltam as Índias Orientais, atual Indonésia, a Guiana Holandesa, hoje Suriname, três antigos territórios coloniais nas ilhas das Antilhas ao redor do Mar do Caribe - Aruba, Curaçao e Sint Maarten – que permanecem como países constituintes representados no Reino dos Países Baixos. A diversidade das migrações pós-coloniais para os Países Baixos reforça, ao olhar superficial, a crença de uma nação cosmopolita e multicultural. Contudo, num plano mais minucioso ao olhar analítico é possível ler um desencontro entre o rótulo de nação pós-colonial e o que isto, concretamente, significa para aqueles considerados como sujeitos pós-coloniais. Conscientes desta aporia, cientistas sociais holandeses sinalizam a partir das suas investigações a manutenção dos mecanismos de racialização, criminalização e de vigilância racial refém de uma lógica de colonialidade e de uma espécie de ressabiamento colonial. Trabalhos de Wekker (2016), Essed & Nimako (2006), Nimako (2012), Jones (2016), Deen (2018), entre outros, vêm demonstrando a presença de continuidades coloniais no modo como os sujeitos das migrações pós-coloniais são caracterizados como o 'Outro' nas decisões políticas, sociais e culturais assumidas nos Países Baixos. Gloria Wekker, autora de uma obra essencial para uma compreensão histórica sobre a pós-colonialidade holandesa, desenvolve em *Inocência Branca*. Paradoxos de Colonialismo e Raça a seguinte perplexidade:

Este livro é dedicado à exploração de um forte paradoxo que se encontra em vigor nos Países Baixos. Sinto-me intrigada com a forma como a raça emerge em lugares e momentos inesperados, literalmente como o retorno do reprimido, enquanto um discurso dominante afirma teimosamente que os Países Baixos

é e sempre foi daltônico e anti-racista, um lugar de extraordinária hospitalidade e tolerância para com o outro racializado/etnicizado, seja esse quintessencial outro percebido como negro em algumas épocas ou como muçulmano em outras (Wekker, 2016, p.1).

A intenção desenvolvida ao longo de *Inocência Branca* de Gloria Wekker surpreende o leitor com um olhar antropológico e histórico sobre os nós e contradições que a sociedade holandesa encerra em si: por um lado, um imaginário narcisístico, e, por outro lado, uma propensão de controlar, vigiar e de antecipar qualquer ameaça à sua integridade territorial, social e cultural. Esta conclusão é também alcançada no trabalho de Melissa Weiner, quando escreve:

Os Países Baixos, como outras nações, envolve-se na europeização racial, uma forma de neoliberalismo racial, que “enterra a história viva” (Goldberg, 2009), ao dissociar a acumulação e exploração de recursos históricos da desigualdade contemporânea, despolitizando a presença contemporânea de não-brancos no continente, dissociando as desigualdades que os não-brancos vivenciam hoje de séculos de doutrinas e práticas colonialistas, culpando as minorias pelas suas falhas individuais de assimilação socioeconômica e, portanto, trazendo a desigualdade para o seio daquelas. O uso da etnicidade nos Países Baixos ofusca as relações de poder desiguais enraizadas na história colonial dos Países Baixos e precipita ideologias e desigualdades raciais contemporâneas (Weiner, 2014, p.737).

O regresso do colonial não foi apenas territorial, significa simultaneamente o reforço de uma nostalgia e narcisismo colonial de mãos dadas com o trauma da perda que a presença do 'Outro' pós-colonial convoca como constante ameaça. Como resposta a este trauma, o reforço de medidas que evitem a transgressão de antigas lógicas de colonialidade é sustentado a partir de dispositivos e de ações através de uma tecnologia da vigilância racial e de controlo social. Simone Drichel ajuda-nos a compreender este processo traumático quando observa o seguinte:

Emergindo da experiência colonial com suas próprias cicatrizes relacionais, o colonizador traumatizado traumatiza o colonizado por meio de vários atos de violência física e epistêmica que são a manifestação grandiosa de seu próprio esforço um tanto desesperado para repelir a ameaça sempre presente de

traumatização - esforços que são, em última análise, movidos pelo medo, ou o que Gandhi chama de maneira muito mais elegante de “fantasias de segurança e invulnerabilidade das quais nossa imaginação política permanece refém (Drichel, 2018, p.342).

Resultando do meu trabalho de campo realizado nos Países Baixos entre Maio de 2018 e Setembro de 2018, tive a oportunidade de entrevistar profissionais de diversas esferas, entre elas, da investigação criminal e policial, da genética forense, especialistas dos Direitos Humanos e académicos na área da criminologia. As entrevistas foram todas realizadas num tempo muito particular nos Países Baixos. Isto deve-se ao facto de neste país ter ocorrido uma viragem política para a extrema-direita. Neste cenário político, os Países Baixos assumiram um posicionamento eurocético, o que resultou na perda da força política de coligação entre Liberais e Democratas/Cristãos-Democratas. Uma viragem à direita que ficou os seus pilares em princípios anti-imigração e anti-diversidade cultural (Oudenampsen, 2021). Esta reorganização política e ideológica teve uma influência devastadora no corpo do debate parlamentar em torno dos Direitos Humanos nos Países Baixos. Como salienta um dos meus entrevistados: “ Os Direitos Humanos transformaram-se num termo feio” (A11). Outros entrevistados assumiram abertamente as consequências nefastas de uma política mais virada à direita no que concerne à condução e tratamento de questões relacionadas com a criminalidade e vigilância racial, merecendo na sua reflexão a aceitação de que estas questões se encontrarem historicamente contaminadas por esta ideia de hegemonia e pureza nacionalista e populista, de olhar para o ‘Outro’ sempre como suspeito, criminoso, e uma constante ameaça à integridade e coesão social:

O sistema está a tornar-se mais severo, focado em prender criminosos, trazê-los ao tribunal e puni-los com severidade. Então, o sistema nos Países Baixos está a mudar um pouco nessa perspectiva, diferente de há 10 ou 15 anos atrás, (...) os tribunais ficaram mais severos e a política ficou mais severa também. (...) Temos mais uma política de direita agora do que tínhamos há 15 anos atrás. E também, mais populista, o que significa que os políticos querem mais votos, e a população está muito preocupada com o crime, então os políticos estão dizer “estamos a lutar muito contra o crime” (A10).

Numa perspetiva mais focalizada na formação sócio-cultural do corpo policial, foi relevante escutar a longa experiência de dois inspetores da investigação criminal. No entender destes dois entrevistados, a polícia e o currículo de formação na área da investigação criminal necessitam de um maior investimento e de mudanças significativas no que diz respeito à criação de ferramentas de aprendizagem com pendor multicultural, que deveriam também incluir os funcionários que trabalham em serviços de imigração, de pedidos de asilo político e políticas de proteção de refugiados (Mügge, 2010).

Ao nível da preparação dos oficiais de imigração nos Países Baixos, muito especificamente com profissionais do Dutch Immigration and Naturalisation Service (INS), são preparados cursos de formação versados na realização de técnicas de entrevistas. Num estudo realizado sobre as técnicas de entrevistas em contexto de pedido de asilo (Veldhuizen, Maas, Horselenberg & Van Koopen, 2018), ficou provada a importância de uma maior preparação dada aos oficiais dos serviços de imigração, com o objectivo de aprimorar em termos humanos e comunicacionais os momentos delicados que antecedem a decisão de outorgar o asilo a um refugiado, exilado, imigrante e imigrante ilegal. Estes dados são também validados pelas observações destes inspetores de investigação criminal quando salientam a importância da sensibilidade cultural e humana que os profissionais do corpo policial e da genética forense devem assumir perante os desafios que os seus trabalhos colocam na interação com a sociedade em geral.

Os Países Baixos são um dos mais ativos países na partilha transnacional de dados forenses (Toom et al., 2019; Amelung et al., 2020), no âmbito do sistema de Prüm. Sendo esta partilha relevante no espaço geopolítico, económico e cultural predominantemente transnacional, foi claramente imprescindível contactar com geneticistas forenses que tivessem um particular papel na relação entre tecnologias de ADN e investigação forense. O Instituto Holandês Forense (The Netherlands Forensic Institute) assume nos Países Baixos um papel de grande responsabilidade, no que diz respeito ao seu trabalho de cooperação - sempre sob o princípio da neutralidade - com a polícia, mas também com outras instituições ao ní-

vel não apenas do crime, mas, também, em questões relacionadas com crime humanitários, e outras competências delicadas, como o apoio à identificação de vítimas de acidentes de viação⁵.

Durante o período do trabalho de campo, tive a possibilidade de conversar com três geneticistas forenses. Tomando em consideração que todos tinham em termos das suas competências e conhecimentos uma longa experiência de trabalho, pedi a um dos entrevistados para refletir sobre a influência da história e memória no desenvolvimento da tecnologia da ADN, convidando os entrevistados a tecer as suas reflexões sobre a cumplicidade entre os contextos histórico, económico, político, social e cultural e o desenvolvimento das tecnologias de ADN no país. Foi interessante perceber a relação muito cautelosa e titubeante que um dos geneticistas forense foi revelando no decorrer da sua resposta, procurando um equilíbrio entre, por um lado, a percepção dos Países Baixos serem um país progressista, vanguardista e um exemplo de desenvolvimento tecnológico, e, por outro lado, este país transportar consigo espectros de um passado colonial, que de uma certa maneira transgridem e contradizem aquele imaginário:

Acho que, como comunidade nos Países Baixos, sempre abraçamos a tecnologia e acho que, como comunidade, vemos a importância de fazer pesquisa, o que acho que sempre é a base do conhecimento. Vendo a importância de fazer pesquisa, também acho que vemos que, quando temos possibilidades, devemos usá-las quando podemos. Então, a esse respeito, acho que nos Países Baixos somos bastante progressistas como pessoas. Talvez seja também porque temos uma história que as pessoas dos Países Baixos. ... Somos apenas um país pequeno, com uma grande história, saímos, e fomos explorando, e saímos para o mundo, e isso nem sempre foi bom, porque temos algumas páginas negras também na nossa história (...) (A05).

Para os objetivos analíticos deste texto, devo salientar que não foram exploradas e analisadas todas as entrevistas que tive a oportunidade de concretizar. Contudo, à luz de uma distância que o exercício de análise e de reflexão crítica me permite sobre estas entrevistas, ficou claro que, pese embora o reconhecimento do passado colonial e imperial dos Países Baixos, os entrevistados evidenciaram pelas suas reflexões, pensamentos e silêncios que o trabalho de escavação histórica ainda está longe de ser alcançado: quer pela recusa em reconhecer o 'Outro' como histórica e culturalmente implicado - e relevante - na experiência colonial holandesa; quer pela manutenção das lógicas coloniais que perpetuam e sedimentam o 'Outro' pós-colonial como suspeito, criminoso e uma ameaça.

5 Considerações Finais

À luz de um dever de memória e de um exercício de consciência histórica, à Europa pertencem, como elo histórico, identitário, social e cultural, todos aqueles que contribuíram para a narrativa majestática que a modernidade ocidental esculpiu para si, pese embora sob a mão pesada da exploração, da violência, da subjugação e do menosprezo. A Europa que manipula e se esquiva a este exercício de introspecção histórica está a condenar as suas democracias e os seus valores e princípios de respeito, igualdade e de dignidade humana, ao deitar borda fora o sentido de reparação moral perante todos aqueles que são legitimamente parte integrante da evolução e desenvolvimento histórico, económico e social da atual pós-colonialidade europeia.

Nos Países Baixos, assim como em outros países europeus, como o Reino Unido, a Hungria, a Polónia, a Itália, a Espanha, a liberdade chega com a promessa de um regresso a uma certa pureza e narcisismo colonial europeu. Contudo, como os resultados deste trabalho demonstram, a Europa, assim como os Países Baixos, só alcançará o verdadeiro e pleno estatuto de pós-colonial mediante o reconhecimento histórico de todos os 'Outros' como elos constituintes e legítimos na narrativa da modernidade ocidental. Não basta apenas dizer que estamos perante um cenário assustador com o aumento imparável do re-

5 Um dos casos de grande impacto nacional nos Países Baixos, foi o acidente de viação da Malásia Airlines - MH17 – para o qual muitos investigadores do NFI foram chamados para identificar os corpos das vítimas. Neste acidente, das 298 vítimas a bordo, 198 eram de cidadania holandesa. Para lembrar a memória das vítimas, o Governo holandês com o apoio de doações construiu um monumento com o nome “Bosque da Memória” (criado em 2015), para lembrar a memória de cada pessoa que estava no voo MH17.

torno a uma Europa colonialista, racista, nacionalista e populista. É preciso ir mais longe, por um lado, desocultando as raízes e paradoxos do projeto da modernidade ocidental ainda presentes nas nossas sociedades europeias, e, por outro lado, mapeando as alquimias que perpetuam lógicas de diferenciação racial a partir de várias linguagens e roupagens.

Ignorar o argumento de que as várias dimensões das nossas sociedades não são reféns dos seus contextos históricos é a receita perfeita para que o passado retorne, embora com repertórios muito mais refinados, racionais e objetivos. Rob Riemen, filósofo holandês, no seu livro ensaístico *O Eterno Retorno do Facismo*, vaticinava já o empobrecimento dos princípios e valores europeus, como democracia, igualdade, liberdade, ao reconhecer para os Países Baixos o seguinte:

Nos Países Baixos, Geert Wilders⁶ e o seu Partido da Liberdade são os protótipos do fascismo contemporâneo e, enquanto tal, não são senão as consequências políticas lógicas de uma sociedade pela qual todos somos responsáveis. O fascismo contemporâneo resulta, mais uma vez, de partidos políticos que renunciaram à sua tradição intelectual, de intelectuais que cultivaram o niilismo complacente, de universidades que já não são dignas desse nome, da ganância do mundo de negócios e de mass media que preferem ser ventríloquos do público em vez de o seu espelho crítico. São estas as elites corrompidas que alimentam o vazio espiritual, contribuindo para uma nova expansão do fascismo (Riemen, 2012, p.75-76).

A tecnologia como este texto procurou demonstrar, partindo da análise de entrevistas com profissionais, não é uma dimensão humana anódina, nem escapa a esta densa e intrincada tessitura histórica. A tecnologia é um repositório de verdades humanas que escrevem e fossilizam a violência, a regulação e a desigualdade de maneiras marcantes e cruéis. Almejando um horizonte mais auspicioso, este trabalho procura colocar no cerne do debate a responsabilidade histórica e ética da tecnologia no futuro próximo de uma gramática humana fraterna e igualitária.

6 Geert Wilders, político holandês, apoiante do populismo da extrema-direita, tem lutado contra a diversidade cultural, étnica e religiosa nos Países Baixos. Figura polémica e por muitos considerado um dos rostos – tal como Marie Le Pen, em França – rostos deste emergente nacionalismo holandês.

Referências

- Amelung, N., Granja, R. & Machado, H. (2020). *Modes of Bio-Bordering. The Hidden (Dis)Integration of Europe*. Singapore: Palgrave Macmillan, 2020.
- Cohn, B. S., & Dirks, N.B. (1988). Beyond The Fringe: The Nation State, Colonialism, and the Technologies of Power. *Journal of Historical Sociology*, Vol. 1 No. 2 (June), 224-229. doi.org/10.1111/j.1467-6443.1988.tb00011.x
- Deen, S. (2018). Tracing Pasts and Colonial Numbness: Decolonial Dynamics in the Netherlands. *Etnofoor*, vol. 30, no. 2, 11–28.
- JSTOR, www.jstor.org/stable/26543126. Accessed 17 Feb. 2021.
- Drichel, S. (2018). The disaster of Colonial Narcissism. *American Imago*. Vol.75, n.3 (Fall), 329-364. DOI: 10.1353/aim.2018.0020
- El-Enany, N. (2020). *Bordering Britain, Law, Race and Empire*, Manchester: Manchester University Press.
- Essed, P. & Nimako, K. (2006). Designs and (Co)Incidents: Cultures of Scholarship and Public Policy on Immigrants/ Minorities in the Netherlands. *International Journal of Comparative Sociology*, 47(3-4), 281–312. https://DOI.org/10.1177/0020715206065784
- Frijhoff, W. (2010). The Relevance of Dutch History, or: Much in Little? Reflections on the Practice of History in the Netherlands. *Low Countries Historical Review*, 7-43. DOI: 10.18352/bmgn-lchr.7114
- Frosh, S. (2013). Psychoanalysis, colonialism, racism. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 33(3), 141–154. https://DOI.org/10.1037/a0033398
- Frosh, S. (2016). Relationality in a time of surveillance: Narcissism, melancholia, paranoia. *Subjectivity*, 9, 1-16. https://DOI.org/10.1057/sub.2015.19
- Gandhi, L. (2006). *Affective communities: Anticolonial thought, fin-de-siècle radicalism, and the politics of friendship*. Durham and London: Duke University Press.
- Gilroy, P. (2004). *After Empire. Melancholia or Convivial Empire*. New York: Columbia University Press.
- Goss, A. (2009). Decent Colonialism? Pure Science and Colonial Ideology in the Netherlands East Indies, 1910-1929. *Journal of Southeast Asian Studies*, Vol. 40, No.1 (Feb.), 187-214. DOI:10.1017/S002246340900006X.
- Jasanoff, S. (Ed.). (2004). *States of Knowledge: The Co-Production of Science and Social Order*. London: Routledge.
- Jasanoff, S. & Kim, S.-H. (2015). *Dreamscapes of Modernity. Sociotechnical Imaginaries and the Fabrication of Power*. Chicago: The Chicago University Press.

- Jones, G. (2016). What Is New about Dutch Populism? Dutch Colonialism, Hierarchical Citizenship and Contemporary Populist Debates and Policies in the Netherlands. *Journal of Intercultural Studies*, 37(6), 605-620. <https://DOI.org/10.1080/07256868.2016.1235025>
- Khan, S., Can, N., & Machado, H. (no prelo). *Racism and Racial Surveillance*. London: Routledge.
- Khan, S., Sousa, V., & Ribeiro, R. (2020). *O Mundo na Europa. Crises e Identidades*. Famalicão: Húmus, 2020.
- Khan, S. (no prelo). A Alquimia dos Mecanismos de Racialização, Criminalização e Vigilância Racial. In Machado, H. (Org.). *Crime e Tecnologia: Desafios Culturais e Políticos para a Europa*. Porto: Afrontamento.
- Knudsen, B. T., Oldfield, J. R., Buettner, E. & Zabynuan, E. (2021). *Echoes of coloniality: New perspectives on Decolonizing European Heritage*. New York: Routledge.
- Koegler, C., Kumar, P. M. & e Tronicke, M. (2020). The colonial remains of Brexit: Empire nostalgia and narcissistic nationalism. *Journal of Postcolonial Writing*, 56:5, 585-592. DOI: 10.1080/17449855.2020.1818440.
- Kohut, H. (2007). *The analysis of the self: A systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*. Chicago and London: Chicago University Press.
- Lowe, L. (2015). History Hesitant. *Social Text*, Vol.33, no.4, December,85-107. <https://doi.org/10.1215/01642472-3315790>
- Machado, H, Granja, R. & Amelung, Nina. (2020).Constructing suspicion through forensic DNA databases in the EU. The views of the Prüm professionals. *The British Journal of Criminology*, 60(1), 141–159. <https://DOI.org/10.1093/bjc/azz057>.
- Machado, H. & Granja, R. (2019). Risks and benefits of transnational exchange of forensic DNA data in the EU: The views of professionals operating the Prüm system. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 68,1-7. <https://DOI.org/10.1016/J.JFLM.2019.101872>
- M'charek, A., Schramm, K. & Skinner, D. (2014). Technologies of Belonging. *Science, Technology, & Human Values*, 39(4), 459–467.DOI:10.1177/0162243914531149
- Mügge, L. (2010). *Beyond Dutch Borders Transnational Politics among Colonial Migrants, Guest Workers and the Second Generation*. Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Nimako, K. (2012). About Them but Without Them: Race and Ethnic Relations Studies in Dutch Universities. *Human Architecture*, 10(1),45–52. ISSN: 1540-5699
- Oostindie, G. (2011). *Postcolonial Netherlands Sixty-five years of forgetting, commemorating, silencing*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Oudenampsen, M. (2021). *The Rise of the Dutch New Right. An Intellectual History of the Rightward Shift in Dutch Politics*. Milton Park, Abingdon: Routledge.
- Riemen, R. (2012). *O Eterno Retorno do Fascismo*. Lisboa: Bizâncio, 2012.
- Santos, B. S. (2002). Between Prospero and Caliban: Colonialism, Postcolonialism, and Inter-Identity. *Luso-Brazilian Review*, Vol.39, n.2 (Winter), 9-43. <https://www.jstor.org/stable/3513784>
- Santos, B. S. (2007). Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78 (Outubro), 2007, p.3-46. DOI: 10.4000/rccs.753
- Sardar, Z. (2008). I think it would be good if certain things were said: Fanon and the epidemiology of oppression. In Fanon, F., *Black skin, white masks* (pp.vi-xx). C.L. Markmann, trad. New York: Pluto Press.
- Shaw, D. (2014). *Traumatic Narcissism: Relational Systems of Subjugation*. New York: Routledge.
- Simmons, D. (2007). The narcissism of empire: Loss, rage and revenge in Thomas De Quincey, Robert Louis Stevenson, Arthur Conan Coyle, Rudyard Kipling and Isak Dinesen. Brighton and Portland: Sussex Academic Press.
- Spivak, G. C. (1993). Echo. *New Literary*, 24(1),17-43.DOI.org/10.2307/469267.
- Toom, V., Granja, R. & Ludwig, A. (2019).The Prüm Decisions as an aspirational regime: reviewing a decade of cross-border exchange and comparison of forensic DNA data. *Forensic Science International: Genetics*, 41, 50-57. [Doi.org/10.1016/j.fsigen.2019.03.023](https://doi.org/10.1016/j.fsigen.2019.03.023)
- Trafford, J. (2021). *The Empire at Home Internal Colonies and the End of Britain*. London: Pluto Press.
- Veldhuizen, T. S., Maas, R., Horselenberg, R. & Van Koopen, P. (2018). Establishing Origin: Analysing the Questions Asked in Asylum Interviews. *Psychiatry, Psychology and Law*, 25:2, 283-302, DOI: 10.1080/13218719.2017.1376607.
- Warwick, A. (2002).Introduction. *Postcolonial Technoscience. Social Studies of Science*, 32/5-6 (October-December), 643-658. JSTOR,www.jstor.org/stable/3183050. Accessed 17 Feb. 2021.
- Weiner, M. (2014). The Ideologically Colonized Metropole: Dutch Racism and Racist Denial', *Sociology Compass*, 8/6, 731–744. <https://DOI.org/10.1111/soc4.12163>.
- Wekker, G. (2016). *White Innocence. Paradoxes of Colonialism and Race*. London & Durham: Duke University Press